

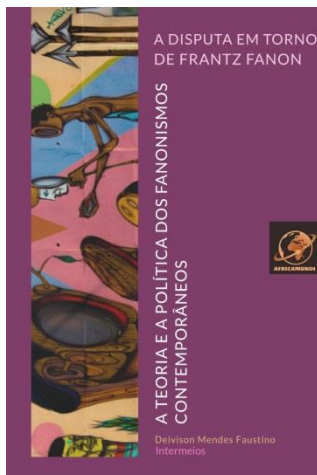
## A disputa em torno de Frantz Fanon: a teoria e a política dos fanonismos contemporâneos

DEIVISON MENDES FAUSTINO

São Paulo: Intermeios, 2020. 290 p.

351

Priscilla Santos de Souza <sup>1</sup>



Frantz Fanon morreu em 6 de dezembro de 1961, aos 36 anos, deixando um legado de artigos, livros, panfletos, poemas e peças de teatro. Sua obra e pensamento produzem diversas apropriações, desdobramentos e críticas. Foi um pensador incansável, que dedicou sua vida a entender os efeitos do colonialismo no corpo, na mente e na materialidade das vidas dos povos negros, dentro e fora da África, lutando até a morte pela libertação da Argélia e dos demais países africanos do imperialismo colonial.

Em *A disputa em torno de Frantz Fanon: a teoria e a política dos fanonismos contemporâneos*, o sociólogo Deivison Mendes Faustino<sup>2</sup> nos apresenta, em sua rigorosa pesquisa de doutorado

<sup>1</sup> Doutoranda e mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Membro do Laboratório de Pesquisa e Extensão - Psicanálise, Sociedade e Política (PSOPOL) onde coordena o Projeto de Extensão Relações Raciais, Psicanálise Gênero e participa do Projeto Veredas: psicanálise e imigração. Atua como Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal do ABC (UFABC) e é coordenadora da Tamuya - Escola de Formação Popular. | [scilla.santos@gmail.com](mailto:scilla.santos@gmail.com)

<sup>2</sup> Também conhecido como Deivison Nkosi, Professor Adjunto da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista - UNIFESP. É integrante do Instituto Amma Psique e Negritude.



intitulada *"Por que Fanon, porque agora? Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil"*, um mapeamento dos estudos sobre o autor na literatura de língua inglesa e sua recepção no Brasil, estabelecendo diferenças fundamentais entre o pensamento de Fanon e os fanonismos contemporâneos. É um trabalho premiado, com menção honrosa do Prêmio Capes de Tese 2016 - área de Sociologia. Faustino destaca, em suas palavras, "Fanon como um revolucionário particularmente negro"<sup>3</sup>.

Faustino nos brinda com seu percurso de pesquisa localizando o leitor em sua experiência e processo de escrita. A começar pelo seu contato através da apresentação entusiasmada de Frantz Fanon realizada pelos militantes do MNU aos jovens estudantes, sua construção intelectual em diferentes espaços, passando pela Universidade de Connecticut com Lewis Gordon, defesa de tese na UFSCAR e sua atuação presente como professor universitário federal, desenvolvendo pesquisas sobre as recentes apropriações de Fanon. Os vários anos de dedicação e investigação permitem conhecer profundamente influências epistemológicas, diálogos contemporâneos com Fanon e os traços e experiências que marcaram a escrita, a política e o espírito do intelectual martinicano.

Esse movimento permite identificar os principais elementos que compõem o estatuto teórico da literatura fanoniana, confirmando a grandeza de sua obra e não sendo possível reduzi-la a uma ou outra apropriação, tão pouco a divisões utilitaristas entre um Fanon psiquiatra, de textos clínicos, e outro ativista político. O livro se organiza a partir da apresentação de diferentes elementos teóricos oferecidos por Fanon, como um "oxímoro" em sua radicalidade e proposições nada convencionais, inquietantes e abrangentes em sua teoria, destacando aspectos políticos, psicológicos, sociais e culturais.

Resgatando a proposta de Sekyi-Otu, na possibilidade de articulação que Fanon faz entre a dialética de interesses particulares e universais, e amparado em sua perspectiva da sociogênese, tendo como prognóstico as relações estruturais e históricas entre o capitalismo, o colonialismo e o racismo, a aposta do sociólogo é pensar a sociogenia como eixo de reflexão dos elementos centrais na superação da alienação psíquica e econômica do colonialismo, como proposta por Fanon (p.20). A formação e atuação de

---

3 Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.



Fanon como psiquiatra permitem relacionar a percepção de uma análise do colonialismo, a partir da observação das relações intrínsecas entre as raízes da dominação econômica e cultural com as neuroses psíquicas apresentadas, sobretudo, pelos pacientes colonizados, denunciando constantes equívocos diagnósticos.

Para Fanon, a racialização do mundo, como processo de dominação, tem como consequência o impedimento dos povos racializados de viverem seus conflitos existenciais. Mediada pela constante violência colonial, epidermalizada para a divisão racial do trabalho e para o estabelecimento de posições sociais, a racialização é interiorizada subjetivamente, assumindo posições hierárquicas de identidades fixas e essencializadas para negros e brancos, interditando a possibilidade do reconhecimento hegeliano, de descida aos infernos existenciais. Nesse ponto, Faustino faz um necessário percurso de análise da influência do existencialismo Francês, da dialética Hegeliana e do marxismo na obra de Fanon, apontando para a radicalidade da problemática da alienação na dialética do senhor e do escravo, considerando as contradições econômicas, sociais, subjetivas e intersubjetivas para pensar os impasses do negro na sociedade, ao verificar a importância do Outro como reconhecimento da humanidade do indivíduo.

Em cada contribuição de Fanon, o autor desdobra os diferentes aspectos que apontam para as armadilhas do racismo, que capturam o negro na "negação, implícita à dinâmica do reconhecimento" (p. 48), que o faz buscar ser branco, ao invés de buscar pela sua liberdade, matando-o fora, reificado, numa posição desumanizada, pela visão de seu carrasco. Por sua vez, o branco mantém-se em uma posição de supremacista, apontando para o bloqueio das visões do branco e do negro. Nesse aspecto, o autor relaciona o debate do duplo narcisismo levantado por Fanon com a teoria da consciência dupla, de W.E.B. Du Bois, que nos alerta para o risco de uma sociedade cindida, em que o negro é fechado em sua negrura e o branco em sua brancura.

E qual a saída? Faustino apresenta como os acontecimentos políticos e sociais na vida de Fanon, como sua adesão à Frente de Libertação Nacional, na Argélia, o levava à práxis revolucionária como possibilidade de negação do estatuto colonial, ou seja, a emancipação da alienação deve ocorrer no plano econômico, prático e psíquico e, para isso, a aposta fanoniana é a implicação em ativismos anticoloniais. Nesse ponto, destacam-



se dois aspectos importantes, e que mais à frente o autor desdobrará para diferentes leituras da obra fanoniana. O primeiro refere-se à violência como componente político do pensamento do intelectual martinicano. A agressividade e violência intrínsecas no sistema colonial, a contínua humilhação e sujeição nas formas de controle social, necessitavam de uma força anticolonial, de forma ativa, como agente histórico no processo de libertação. Não há um culto à violência, como fora equivocadamente acusado, mas há a tomada de posição dentro de um dilema ético, no qual não há “respostas fáceis”, e que revela a necessidade de luta dentro de uma realidade social e política imposta pelo próprio sistema colonialista e ignorada piamente pelos intelectuais europeus e pelos países imperialistas (p. 66).

O segundo aspecto refere-se à importante crítica feita à negritude, como resposta à suposta superioridade branca. Faustino apresenta, com legitimidade, as diferentes posições de Fanon quanto a importância histórica de afirmação cultural antirracista, afirmação que combatia os valores racistas europeus, mas que é, ao mesmo tempo, uma armadilha ao essencializar a cultura africana e afirmar um retorno mítico às origens, chamando atenção para o caráter dinâmico das culturas. Nesse sentido, Fanon reivindica um novo humanismo, não abstrato, burguês, que passa pela “afirmação da identidade negra, condição política e estética para desautorizar a verdade do colonizador” (p. 72) e escancarar dentro da lógica universal do homem branco europeu a radicalidade da diferença, da contradição, exigindo a concretização da dialética. Não se trata de negar diferenças nem de provar a igualdade, mas libertar negros e brancos do narcisismo colonial. “O Novo humanismo é a busca concreta da própria existência... na medida, em que passa a ser parte de uma particularidade do universal.” (p.76).

A apresentação do mapeamento dos fanonismos de língua inglesa nos revela uma minuciosa pesquisa, densa e necessária, em que o autor mostra as cisões e disputas em torno das diferenças dos múltiplos fanonismos. São identificados, através dos estudos de Gordon, as divisões entre apropriações, logo após a morte de Fanon, pelo marxismo-leninismo, reivindicando a práxis revolucionária; posteriores publicações de biografias sobre sua vida; sua contribuição para as ciências humanas; posteriormente para os estudos culturais e pós-coloniais; mais recentemente a contribuição de Fanon para entender a realidade contemporânea e, por fim, *Fanon*



*studies*, como emergência de um campo teórico próprio, de caracterizar os estudos sobre Fanon. Na sistematização de Rabaka, encontramos ainda nos estudos categorias como antirracismo, marxismos, decoloniais, feminismos e revolução humana como filtros de correntes fanonianas. Esse esboço segue mostrando diferentes e divergentes vertentes teóricas marcadas pela virada pós-colonial, influenciadas pelo pós-estruturalismo. Apesar da representação da escola inglesa, com nomes como Edward Said, Stuart Hall e Homi Bhabha, identifica-se forte influência do pensamento francês e uma ênfase na retomada dos estudos da alteridade, do descentramento do sujeito, a crítica da razão e a busca pela discursividade.

Em seguida, como reação à virada pós-colonial, temos o *Afrocentric Paradigm*, com destaque para a subjugação mental observada por Fanon e a proposta de uma psicologia afrocentrada; a *Black Radical Tradition* que acusa o marxismo tradicional de eurocêntrico, dizendo do rompimento de Fanon com essa perspectiva e extensão da teoria marxista; e o *Marxism* ou *Radical Humanism*, que aproximam Fanon de um marxismo convencional, pela teoria da alienação ou do fetichismo. Encontramos ainda o Fanonismo decolonial, importante em sua contribuição para o pensamento latino-americano e caribenho, destacando aspectos de uma permanente colonialidade traumática, na divisão do trabalho e nas hierarquizações raciais. Há também o fanonismo fenomenológico e a *Creole Perspective*, embora esses intelectuais possam ser apontados como *radical humanists*. Os primeiros postulam a partir das contribuições de Sartre, Merleau Ponty, Cesaire e DuBois na obra de Fanon, e os segundos nas “subversões” de Hegel, Rousseau, Freud, dentre outros. Essas preciosas divisões e categorizações nos ajudam a localizar as aproximações e divergências entre os diversos intelectuais e suas vertentes dentro dos estudos fanonianos e a posterior influência na recepção e utilização do pensamento fanoniano no Brasil.

A chegada de Fanon ao Brasil foi marcada por três aspectos: a autenticidade social; a autenticidade negra; e autenticidade de discurso colonial. Faustino recorre aos intelectuais Renato Ortiz, Antônio Sergio Guimarães e Mário Augusto Medeiros da Silva que fazem uma detalhada descrição do início dos estudos de Fanon. O pesquisador aponta, primeiro, para a recepção do movimento negro, no final da década de 50, para um primeiro silenciamento das obras e citações do autor, apesar das evidentes



influências nos trabalhos dos pensadores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), sobretudo de intelectuais como Guerreiro Ramos e Virginia Bicudo, apesar de não haver citações explícitas, ou mesmo a comprovação de que estes autores tiveram acesso aos trabalhos de Fanon.

Se existia um silenciamento sobre a obra fanoniana, Deivison vai buscar nos documentos históricos do movimento negro, sobretudo na Associação Cultural do Negro (ACN), traços do conhecimento dos intelectuais afro-brasileiros da existência de Fanon, e constata da presença desses traços no II Congresso de Escritores e Artistas Negros, no qual Fanon esteve, em Roma, trazendo exemplares das revistas com os artigos publicados por Fanon. É no resgate da posição crítica e revolucionária do autor martinicano, que o sociólogo destaca suas importantes contribuições em suas conferências no II Congresso, de críticas ao movimento negro e pela necessidade decisiva de luta pela libertação e independência do continente africano. Fanon defendia:

[...] uma abordagem da cultura que pudesse ser articulada a partir da luta revolucionária pela construção da nação, dos desejos e visões de mundo do povo e de uma visão humanista-internacionalista que refutasse o nacionalismo, o particularismo e qualquer visão reificada de identidade (p. 126).

Essa perspectiva teve pouca adesão aos interesses do ativismo negro brasileiro que buscava outras respostas com certa aproximação ao Movimento de Negritude. Foi após a visita de Sartre e Beauvoir ao Brasil, em 1960, que se inicia uma tímida recepção. Com destaque para a aproximação de autores ligados ao movimento terceiro-mundista em Fanon, como Paulo Freire, Glauber Rocha, Florestan Fernandes e Octávio Ianni. Vale destacar um posicionamento mais radical de Freire, de possível influência de Fanon, e uma ruptura com o ISEB que partilhava de uma posição influenciada por intelectuais como Gilberto Freyre, o qual tinha como saída uma democracia institucionalizada e a mestiçagem como particularidade da população brasileira. Faustino também ressalta o interesse político por ativistas do MNU e de intelectuais, como a psicanalista Neusa Santos Souza. Com uma leitura cuidadosa e sensível aos diferentes aspectos envolvidos no trabalho da autora, Faustino destaca a influência de Fanon nos passos adiante que Souza oferece sobre as vicissitudes do racismo e a experiência de tornar-se



negro, como apresentação da autenticidade negra, uma chave para a reinterpretação de Fanon.

Faustino identifica um crescente interesse pela obra de Fanon, desde os emergentes estudos pós-colonial, decolonial, mas também das tendências sobre o pensamento social, branquitude, psicologia e psicanálise (p. 219). Fica evidente, ao longo do trabalho, que nem a intelectualidade de esquerda, nem os intelectuais ligados ao ativismo negro, visualizavam o anticolonialismo revolucionário e de classe, proposto por Fanon.

Chegando ao final do texto, Faustino nos apresenta uma perspectiva de uma crescente utilização dos textos e pensamentos de Fanon no Brasil, mas ainda não é possível falar em *Fanon Studies* no Brasil, dado o uso pragmático do pensamento fanoniano. Com início na década de 50 e, mais atualmente, nos estudos psicanalíticos e psicológicos, o autor aposta para uma crescente e natural expansão dessas pesquisas.

O trabalho de fôlego, denso, que nos faz mergulhar de maneira deliciosa na vida e obra de Fanon, permite um detalhado acompanhamento das diferentes e divergentes utilizações do pensamento fanoniano. Sem pretensões de neutralidade, mas com necessário posicionamento teórico, Faustino nos presenteia com um trabalho à altura de Fanon, comprometido com sua práxis revolucionária, e que nos instiga a pensar e utilizar a obra fanoniana tão atual no século XXI, que nos convoca a construir uma nova sociedade, um novo humano, radical em sua alteridade. E se havia hesitação e dúvida do tempo da explosão, como Fanon menciona na abertura de seu texto em *Pele Negra, Máscaras brancas*, temos com a contribuição de Deivison Faustino, a explosão necessária para um novo tempo de produções e pesquisas na atualidade. Da escrita do texto de sua tese até o momento dessa resenha, ouvimos, lemos e estudamos com grande impacto e entusiasmo a chegada de uma revolução em diferentes espaços, acadêmicos, de militância, nas periferias das grandes cidades do Brasil como devir da luta e necessidade de transformação social.

## Referências

FAUSTINO, Deivison M. *A disputa em torno de Frantz Fanon: a teoria e a política dos fanonismos contemporâneos*. São Paulo: Intermeios, 2020.

*Recebido em 24 fev. 2021 | aceite em 02 mar. 2021*

